

CICLO DE CINEMA

30 MAR 17:00



LUIS GARCÍA BERLANGA

Retrospectiva

PLÁCIDO

SERRAVES

SESSÃO 5

30 MAR | 17:00

PLACIDO | PLÁCIDO

Luis García Berlanga | ESP | 1961 | 85'

Realização: Luis García Berlanga

Produção: Alfredo Matas

Argumento: Luis García Berlanga, Rafael

Azcona, José Luis Colina e José Luis Font

Direção de fotografia: Francisco Sempere

Montagem: José Antonio Rojo

Direção de arte: Antonio Cortés

e Andrés Vallvé

Direção de som: Felipe Fernández

Música: Miguel Asins Arbó

Interpretação: Cassen, José Luis López

Vázquez, Elvira Quintillá, Manuel Alexandre,

Mario de Bustos, María Francés, Mari Carmen

Yepes, Jesús Puche, Roberto Llamas, Amelia

de la Torre, Juan G. Medina, José María

Caffarel, Xan das Bolas, Fernando Delgado,

Laura Granados, José Orjas, Félix Fernández

e Erasmo Pascual.

Produção: Jet Films

Cópia: preto e branco, a exhibir em formato

DCP

Duração: 85 minutos

Ano: 1961

País: Espanha

PLACIDO

Visto no conjunto da filmografia de Luis García Berlanga, *Plácido* parece perfeitamente condizente, tanto no tom como na atmosfera, no dispositivo narrativo e na abordagem de realização, com alguns dos seus títulos mais célebres. No entanto, esta espécie de fábula satírica, carregada de humor negro, de humanismos bem-intencionados e de ataques bem apontados, localiza-se no ponto de viragem da obra do autor espanhol, no preciso momento em que o seu cinema se transforma definitivamente num caso moderno.

Plácido é um filme onde toda a sociedade espanhola acaba eviscerada, mas o brilhantismo mordaz da realização está diretamente ligado ao seu argumento. Se a primeira fase de Berlanga é, num certo sentido, marcada pela colaboração com Juan Antonio Bardem, *Plácido* inaugura uma segunda fase, que forja o início de uma nova colaboração, desta feita com o argumentista Rafael Azcona, aqui no início da sua carreira, e cuja sensibilidade absurda seria pedra de toque para o cinema subsequente de Berlanga.

Com uma energia intensa e que raramente desacelera, *Plácido* tem uma premissa narrativa clara, mas sempre na iminência de perder o padrão. O motorista miserável que dá o título ao filme tem de correr contra o tempo para conseguir pagar o que deve, ficando cada vez mais cercado por um festival anual de caridade por alturas do Natal. Berlanga vai tecendo uma série de lógicas precárias durante as aventuras do pobre Plácido, mas acabará por fazer com que o filme desague numa angustiante luta de conflito de classes.

Também aqui temos um olhar satírico em relação à condição dos mais desafortunados da sociedade, sempre usados e explorados pela classe alta porque, graças a isso, alcançam um certo estatuto ou então acalmam a ganância das suas almas. Se as contribuições de Azcona, aqui e noutros momentos da sua carreira, sempre se encarreiraram para propostas mais bizarras, absurdas e a roçar o surrealismo, *Plácido* tem sobretudo um gesto de *intensificação* de uma realidade problemática, apesar de Berlanga ser bem-sucedido em travestir o filme de comédia exuberante, recorrendo mesmo a estratégias de slapstick para quebrar com os impactos mais dramáticos, em especial os seus últimos e desconfortáveis momentos – a dita comédia agridoce de travo amargo, na qual Berlanga se foi especializando.

O filme centra-se na classe alta e na sua relação com os pobres que, para além de permitir uma análise fértil sobre antagonismo de classe, também dá o mote para uma hilariante reflexão sobre a natureza *performativa* das sociedades, nomeadamente pela maneira como as mesmas tendem a gravitar ao redor de gestos vazios, neste caso sob o manto sofista da caridade. E é significativo que Berlanga e Azcona se tenham inspirado no princípio franquista de que todos deveriam “sentar um pobre à sua mesa” no Natal, assim lhe proporcionando um momento de alegria. Ideia nobre, mas imediatamente conspurcada pela sua verdadeira intenção, a de saciar a consciência pesada dos privilegiados.

Plácido ferveilha com todos os retratos da sociedade espanhola que tanto fascinavam Berlanga. Entre burguesia e proletariado, o filme é suficientemente

arrojado para expor uma série de declarações mordazes que continuam a encontrar eco hoje, mas também noutras épocas ou contextos culturais – muito embora o filme tenha sido claramente feito como resposta à Espanha do pós-guerra.

Nele vemos acusações claras às maquinações sociopolíticas da Espanha franquista, ao oportunismo burguês, clerical, económico e até burocrático – *Plácido* dá, aliás, uma ótima sessão dupla com *La muerte de un burócrata* (*A Morte de um Burocrata*, 1966), feito cinco anos depois, e o seu realizador, o cubano Tomás Gutiérrez Alea, é dos cineastas mais intimamente próximos dos princípios de comédia subversiva de Berlanga. Em qualquer caso, trata-se de uma sátira inteligente e subversiva, com vários golpes de asa, tanto técnicos como cómicos, e que se entrelaçam com as pequenas idiossincrasias da sociedade que o realizador tanto insiste em explorar.

Saído da experiência complicada que foi *Los Jueves, Milagro* (*As Quintas-Feiras Milagrosas*, 1957) ou talvez mesmo graças a esse facto, *Plácido* apresenta-se como um filme enganador. Berlanga começa por construí-lo como uma brincadeira que satiriza, de uma forma nova e estimulante, a indiferença de classe, mas estabelece um ritmo em permanente aceleração, criando um enredo esfuziante onde o desgraçado Plácido se vê, subitamente, no olho do furacão de pressões para pagar o que deve, para fazer recados e para dar conta de tudo o que os ilustres não se dignam em tocar. Também não se perdem de vista os princípios temáticos do neorealismo, na altura a sair do seu momento de maior fulgor, mas o aspeto mais intrigante de *Plácido*,

para além do seu ritmo vertiginoso (e cujo principal injetor é a engenharia narrativa de Berlanga e Azcona), são as várias propostas de realização que definem a sua abordagem de *mise-en-scène*: um muito difícil trabalho de som, que tem de gerir uma excessiva sobreposição de diálogos em quase todas as cenas, e apesar da postura discreta da câmara de Berlanga, o filme não oferece sequer tempo para introduzir e apresentar devidamente as suas muitas personagens. Há um sentido de urgência temporal – que assola Plácido durante todo o filme – que atropela a normal (leia-se, convencional ou até conservadora) abordagem e respetivas convenções do filme de comédia narrativo.

Berlanga, por seu turno, parece até fomentar esta aparente lógica da exuberância. Excesso, sobrecarga e exuberância são autênticas palavra-chave em *Plácido*: ritmo excessivo, exuberância sonora através das sobreposições dos diálogos (também eles em excesso) ao ponto de os tornar ininteligíveis, composições a abarrotar e repletas de personagens, um movimento quase perpétuo em cada instante do filme.

Face a este contexto (e para além de nada disto ser resultado de uma má realização), é espantosa a maneira como Berlanga consegue, ainda assim, construir personagens complexas e tridimensionais, sobretudo os desafortunados e pobres, que facilmente poderiam ser meros dispositivos, ou armas de arremesso aos seus antagonistas. Igualmente espantoso é o facto de que, não obstante o veneno crítico do filme, *Plácido* nunca é mal-intencionado ou trocista em relação às suas personagens mais desfavorecidas. Há um humanismo

(e sobretudo uma esperança) muito curiosa que Berlanga veicula com elegância, e que permite pelo menos deixar algumas hipóteses de sucesso para os mais desafortunados.

No entanto, a proposta de materializar a ideia de um grupo de pessoas ricas que criam todo um festival para proporcionar um dia de luxo aos pobres é, por natureza, uma ideia cínica como poucas. E aqui, *Plácido* é muito direto na forma como critica abertamente a classe alta, essencialmente retratando-a como gente que apenas se move pela riqueza, e que apenas faz algo de bom quando isso os beneficia.

Talvez como resultado da neutralidade espanhola durante a Segunda Guerra Mundial (pelo menos era essa a sua política oficial), este período deu a vários cineastas espanhóis a oportunidade de capitalizar várias formas de comédia, umas mais perversas do que outras, o que poderá ser visto como insensível se considerarmos que a Europa ainda estava a ser reconstruída. Berlanga, com o seu estilo intrépido, e neste seu novo período animado pelas extravagantes propostas narrativas de Azcona, abre um novo percurso de ficção, que se revelará cada vez mais absurda, mas sempre firmemente enraizada na realidade.

Plácido é um filme provocador, ousado, com várias ideias fascinantes (mascarar-se de “comédia coral inofensiva” para se apresentar aos censores), e que ainda assim teve o bom senso de dar provas de ter o coração no sítio certo.

Pedro Crispim

PRÓXIMAS SESSÕES

6 ABR | DOM | 17:00

EL VERDUGO | O CARRASCO

Luis García Berlanga | ESP | 1963 | 95'

13 ABR | DOM | 17:00

LAS PIRAÑAS | BOUTIQUE

Luis García Berlanga | ARG, ESP | 1967 | 98'

www.serralves.pt

 /fundacao_serralves

 /fundacaoserralves

 /fundacaoserralves

 /serralves

Fundação de Serralves

Rua D. João de Castro, 210
4150—417 Porto — Portugal

serralves@serralves.pt

Linhas gerais:
(+351) 808 200 543
(+351) 226 156 500

Chamadas para a rede
fixa nacional.



Apoio institucional

